

SANTA TERESA DE JESUS, *Livro da vida*

Guia de Leitura

Introdução

Quando nos colocamos diante do *Livro da Vida* (V) de Santa Teresa, a nossa atitude não é a de quem tenciona ler um livro por mera curiosidade ou por simples obrigação. Tomamos consciência de que nos encontramos diante de um bom livro, um livro que nos interpela, que conta coisas que de algum modo sentimos como nossas; o que se relata em V, de alguma maneira está dentro de nós, acontece connosco.

V pode ser lido de maneira participativa, porque a Santa Madre nele nos propõe a sua história pessoal como um caminho de experiência para nós. O modo como ela se conduziu, ou melhor, se deixou conduzir, é uma orientação adequada para a aventura interior que nos leva ao pleno encontro com Deus. Ela di-lo explicitamente quando afirma que é sua intenção, ao escrever, “engulosinar as almas com um tão sumo bem” (V 18, 8).¹

Esta espontânea confissão teresiana dá-nos a chave de leitura que deve guiar a nossa abordagem de V e, podemos afirmar, de todos os seus escritos: Santa Teresa é mediadora de uma Presença activa, a presença de Deus; tem a eficácia de propiciar o encontro pessoal, não só com ela, mas também com o seu interlocutor divino, pois Teresa, sempre que fala de Deus fá-lo diante dEle, *coram Dei*, de maneira a que Ele apareça e Se manifeste por Si mesmo.

Uma leitura, portanto, receptiva e vibrante, como a que costumava fazer o seu primeiro editor, Fr. Luís de León: “E assim, sempre que os leio [os escritos teresianos], volto a admirar-me e, em muitas passagens, parece-me que não é génio humano o que oiço; e não duvido que o Espírito Santo falava nela em muitos lugares, e que lhe guiava a pena e a mão, pois assim o manifesta a luz que põe nas coisas obscuras e o fogo que acende com suas palavras no coração de quem as lê”².

Esta sensação, esta convicção, multiplica-se nos seus filhos e filhas: como carmelitas, somos chamados de um modo particular a encontrar a nossa verdade, a Verdade, nas páginas deste *Livro vivo*.

Muitos dos nossos irmãos e irmãs confirmam explicitamente esta experiência ao contar-nos a sua vocação ou conversão como fruto do encontro com Teresa e com Jesus, caminho, verdade e vida, através da leitura das suas obras, particularmente de V (desde Francisco de Santa Maria Pulgar e Tomás de Jesus, no séc. XVI, até Teresa Benedita da Cruz, no séc. XIX).

Assim no-lo recordam as Constituições dos Carmelitas Descalços: “A origem da nossa família no Carmelo e o sentido mais profundo da nossa vocação estão estreitamente ligados à vida espiritual e ao carisma de Santa Teresa, e sobretudo às graças místicas, sob cujo influxo ela concebeu o propósito de renovar a Ordem” (nº 5; cf. nº 4 das Constituições das Carmelitas Descalças).

Além disso, se queremos fazer uma leitura verdadeiramente proveitosa, não esqueçamos o que nos dizia o N. P. Geral no prefácio do documento do Capítulo “Para Vós nasci”: “Assim que abrimos o volume das obras de Santa Teresa, deparamo-nos com o extraordinário prólogo do *Livro da Vida*, no qual ela adverte o leitor para que não esqueça o lado obscuro da sua pessoa, do qual não lhe é permitido falar, porque apenas

¹ SANTA TERESA DE JESUS, Obras Completas, Ed. Carmelo, Paço d’Arcos, 2000

² FRAY LUIS DE LEÓN, Carta-prólogo a *Los Libros de la Madre Teresa de Jesús*, Guillermo Foquel, Salamanca, 1588 (o texto aparece na edição do *Libro de la Vida*, publicado pela BAC, Madrid 2001, 332, a cargo de Salvador ROS GARCÍA, OCD)

lhe foi dada licença para escrever sobre o seu modo de orar e sobre as graças recebidas. É uma declaração que nos põe imediatamente fora do convencional estilo hagiográfico e nos reconduz à autenticidade de uma vida cristã em contínuo estado de conversão. Se Teresa escreve isto é precisamente para que ninguém se sinta excluído da possibilidade de percorrer o seu caminho e de receber graças semelhantes às que ela experimentou. Mas, se entre nós e Teresa se ergue uma barreira feita de estereótipos, mais conformes aos cânones de uma certa hagiografia ou de uma certa teologia espiritual do que à história real de Teresa, a escuta das suas palavras não poderá converter-se para nós em manancial de saudável renovação, e ameaça converter-se num piedoso exercício, do qual poderão resultar, na melhor das hipóteses, considerações de teor moralista ou espiritualista”.

1. Um *Livro vivo*

Este *Livro vivo* é a primeira obra da Santa e carece de título autêntico. Foram os bibliotecários de El Escorial que escreveram o que chegou até nós na primeira página.

De todas as suas obras, V é a mais extensa e nela Teresa se define como escritora. Trata-se, além disso, de um escrito profundo, arrebatador, uma autêntica revelação da sua alma, a ponto de ela mesma o chamar assim: “minha alma” (Cta. a Doña Luísa de la Cerda, 23 de Junho de 1568, 3; cf. V 16,6; V epílogo, 4).

Santa Teresa fez neste livro um esforço sistemático – o primeiro na história do pensamento e da literatura – por derramar nas suas páginas a totalidade da sua pessoa, o que leva os críticos literários a considerarem-no o livro mais pessoal de toda a literatura espanhola.

Isto é assim porque Santa Teresa não pretende simplesmente escrever uma autobiografia, mas contar ao leitor a sua vida como uma *história de salvação*, como um espaço de encontro com Deus. A Santa narra-nos o modo como Deus assume o protagonismo da sua vida, *esperando-a* (cf. V, prólogo) e transformando-a pacientemente. Desta forma, o livro conta a intervenção de Deus na vida da mulher que é Teresa de Jesus, com uma intenção comprometedora, quer dizer, animando o leitor a dispor-se para que Deus assumira também o protagonismo da sua própria vida.

Apesar de ter sido escrita em diferentes períodos (1562-1565), trata-se de uma obra muito pensada e com uma estrutura bem definida, alternando a narração de acontecimentos biográficos com a exposição de carácter doutrinal. Este ritmo entre o narrativo e o didáctico é uma característica muito peculiar da escritora e nota comum a todos os seus escritos. Ela, que é uma narradora excepcional, não se limita a transmitir uma crónica mas, levada por uma imparável ânsia de comunicar, prefere exercer o ofício de condutora espiritual, fazendo da narrativa biográfica uma plataforma para o doutrinal, procurando acolhimento para as suas palavras, mais do que resposta às mesmas.

2. Estrutura do livro

O livro desenvolve-se em 40 capítulos que dão lugar a cinco secções temáticas diferentes:

Secção I. A primeira parte do livro abarca os capítulos 1 a 9, nos quais Santa Teresa traça um retrato autobiográfico de 40 anos de existência, desde a infância até ao acontecimento fundante da sua experiência mística. Ao longo da narração, Teresa parece desdobrar-se em dois sujeitos: narrador e personagem; o narrador possui a

perspectiva que ela tem ao escrever, enquanto que a personagem actua e relaciona-se segundo a perspectiva que a própria Teresa tinha quando sucederam os factos narrados. A secção é de um dramatismo crescente no qual o leitor se vê claramente envolvido, até chegar ao episódio da conversão, que a Santa descreve como o acontecimento chave da sua vida, aquele que marca um antes e um depois.

Secção II. Depois do capítulo 10, que funciona como transição, a escritora faz, dos capítulos 11 a 22, uma exposição detalhada dos quatro graus de oração, através do uso de uma imagem alegórica: as quatro maneiras de regar o horto, que correspondem à oração de meditação (c. 11-13), a oração de recolhimento infuso e de quietude (c. 14-15), a oração do sono das potências (c. 16-17) e a oração de união (c. 18-21). O capítulo 22 resume e coroa todo o itinerário espiritual com a mediação insubstituível de Jesus Cristo “por Quem nos vêm todos os bens” (V 22, 7). Esta secção irá preparar-nos para compreender melhor a vida nova que ela experimenta desde a sua entrada na experiência mística.

Secção III. Entre os capítulos 23 e 31, a autora regressa à narração autobiográfica, mas já não como na primeira secção. Agora a distância de que falávamos entre o sujeito narrador e a personagem reduz-se ao mínimo, confluindo ambos numa mudança de identidade que se anuncia desde o princípio com expressão e experiência similares às de S. Paulo: “Daqui por diante, é outro livro novo, digo, outra vida nova: até aqui era a minha; a que tenho vivido desde que comecei a declarar estas coisas de oração, vivia Deus em mim” (V 23, 1)

Secção IV. A quarta parte vai dos capítulos 32 a 36 onde aparentemente a Santa se desvia do discurso sobre a sua vida para tratar de acontecimentos exteriores: a fundação do mosteiro de S. José de Ávila. Mas o acontecimento e a crónica são, segundo a própria autora, fruto do anteriormente narrado, fruto e efeito da sua experiência mística, convertida em fonte de vida para os outros. A sua *história pessoal de salvação* encadeia-se na *História da Salvação* e Santa Teresa, juntamente com o grupo das suas primeiras seguidoras, dispõe-se em S. José a servir a Cristo e a sua Igreja. As graças recebidas revelam-se, portanto, não como um privilégio particular de que Teresa desfrutará pessoalmente, mas como um dom eclesial do qual todos hão-de beneficiar.

Secção V. É constituída pelos capítulos finais de V, do 37 ao 40, nos quais a Santa, animada pelo P. Garcia de Toledo, retoma a narrativa autobiográfica para completar a sequência da terceira parte com o que naquele momento está a viver. Contrastando com os temores e perplexidades de então, manifesta-se aqui um sentimento de serenidade e segurança interior que a leva a contar novas experiências com absoluta convicção.

3. Pista para a leitura meditada destas secções

Secção I. Teresa fala-nos verdadeiramente de si mesma: a sua família, a sua vida de criança, adolescente e jovem, a sua primeira vocação, o seu encontro com a vida carmelita, etc. Mas, acima de tudo, Teresa fala-nos de Deus, da acção de Deus nela, de um Deus dinâmico e activo que não deixa nada por fazer no Seu desejo de aproximar-Se do homem, de abaixar-Se para partilhar a sua vida e transformá-lo, para além de qualquer crise. Baseada na sua experiência pessoal, Teresa ensina-nos que Deus é uma presença positiva, que melhora a pessoa, encoraja os seus bons desejos e perdoa as suas culpas.

Para mostrar de maneira ainda mais clara a grandeza de Deus e o Seu desejo inesgotável de transformar a pessoa, Teresa apresenta-se a si mesma como ingrata, resistente à acção divina. Não se trata, porém, de uma visão pessimista ou negativa da pessoa humana; Santa Teresa pretende apenas manifestar bem o carácter inigualável da iniciativa divina, fazer-nos ver que a acção de Deus não depende dos nossos méritos, embora valorize as nossas boas intenções, mas única e exclusivamente da Sua misericórdia.

Secção II. A oração é o âmbito de encontro privilegiado entre Deus e a pessoa humana, no qual se realiza o *milagre* da transformação. Deus senta-Se à mesa do homem e da mulher, gosta de passear com eles, com o fim de comunicar-lhes a Sua própria natureza. Por parte da pessoa, isto exige, no âmbito da oração, uma disposição desapegada e amorosa; a oração não é uma prática em que nos buscamos a nós mesmos, em que procuramos consolações espirituais, mas antes a porta aberta para a acção de Deus que, ao Seu ritmo e não ao nosso, nos irá dando a conhecer a Sua amizade e o Seu amor, tomando as rédeas da nossa vida. Jesus Cristo, a Sua sacratíssima Humanidade, tem um papel insubstituível neste processo: nEle fomos salvos e por Ele Deus concede-nos todas as graças necessárias à nossa transformação à Sua imagem; abandoná-LO é fechar-se a qualquer progresso espiritual.

Secção III. Nesta secção, Deus faz-Se, se possível, ainda mais protagonista da vida de Teresa, que é uma *vida nova*. A tal ponto que a pessoa, como aconteceu com Teresa, chega a surpreender-se por descobrir Deus tão perto, tão enamorado, concedendo constantemente graças à alma que Ele ama. Até que, impõe-se tanto amor, que terminam as dúvidas e a pessoa pode mover-se em harmonia com Deus, que Se converte em centro, raiz e objectivo único do homem e da mulher. As *graças* recebidas por Teresa (visões, locuções, etc.), sendo importantes, não constituem o essencial da experiência mística; o essencial é o ensinamento que por meio delas se recebe, o aprofundamento da experiência de comunhão com Deus, próximo e amante da pessoa. Teresa fará constar os frutos das suas experiências místicas: riqueza pessoal, mudança moral, crescimento no amor de Deus e dos outros, humildade, rejeição do mal, etc. Ao lado deste panorama tão rico de graças e mercês, aparecem as provas, tentações e rejeições, incompreensões e durezas. A perfeição não se alcança rapidamente, nem o caminho que a ela conduz está isento de dificuldades, interiores e exteriores. Acima de tudo, a Santa chamará a atenção para o desânimo que pode causar a própria fraqueza: não existe outra saída senão confiar no Senhor e ter paciência connosco mesmos; não nos cansarmos, esperar no Senhor, perseverar na oração e fazer cada um o que está ao seu alcance, até que os desejos se tornem obras.

Secção IV. Deus nada dá apenas para uma pessoa. Fazemos parte da comunidade humana e fazemos parte da Igreja, posta no meio dessa comunidade como luz que alumia, como uma cidade no alto de um monte. Levedura e fermento para uma sociedade que corre o risco de voltar as costas a Deus. A experiência de Santa Teresa, que ela nos convida a fazer própria, é a de que todas as graças místicas recebidas são para os outros, para a humanidade e para a Igreja. Deus põe a Sua mão na história como *toque salvador* através de Teresa, animando-a à fundação do mosteiro de São José. Do mesmo modo, Deus põe a Sua mão sobre nós a fim de convidar-nos a deixar de lado qualquer projecto pessoal e abraçar em Seu nome até mesmo aquilo que nos parece completamente incompreensível.

Secção V. Como comunidade, contemplamos com Santa Teresa as maravilhas operadas por Deus, que continua a fazer nascer espaços de oração, pobreza e fraternidade. Contemplamos a nossa comunidade e tentamos edificá-la à imagem do sonho teresiano tornado realidade em S. José. Somos chamados pela Madre a *dar-nos pressa a servir sua Majestade*, para que se realizem em nós e por nós *milagres* semelhantes àqueles que por meio de Santa Teresa se realizaram, dos quais ela nos fala neste *livro da sua vida*. “Desta maneira vivo agora, Senhor e Padre meu [P. García de Toledo]. Suplique V. Mercê a Deus que me leve para Si ou que me dê em que O sirva” (V 40, 23).